

RESENHAS

PIÉ-NINOT, Salvador, **La teología fundamental**, Secretariado Trinitario, Col. Agape 7, Salamanca 2001, ISBN 84-88643-66-7, pp. 688.

O presente volume constitui a quarta edição – agora totalmente remodelada, actualizada e desse modo aumentada para mais do dobro – do já famoso tratado de **Teologia Fundamental**, que o autor – agora professor em Barcelona e na Universidade Gregoriana – publicou pela primeira vez em 1989.

Já a primeira edição pretendia incluir todos os elementos essenciais de um tratado geral de Teologia Fundamental, ou seja, o enquadramento histórico e sistemático dessa área da teologia, o acesso do ser humano à revelação (condição de possibilidade da escuta, fé e credibilidade), a revelação propriamente dita, a cristologia fundamental e a eclesiologia fundamental. A diversidade da temática, assim como a abundância do material de apoio, sobretudo bibliográfico, indicavam claramente essa finalidade. É compreensível pois que, essa finalidade mais de uma década e tendo em conta o incessante movimento de publicações na área, a ideia formal básica da obra – confirmada pelo autor no actual prefácio, p. 9: «... este tratado quer continuar a ser ponto de referência informativo e bibliográfico actualizado» – exigisse uma remodelação, não tanto correctora mas acrescentadora do material que entretanto se publicou, assim como de novas vertentes ou acentuações da discussão (como é o caso exemplar da inserção, no capítulo I, da linha teológico-fundamental desenvolvida ultimamente por Verwey, para não falar dos estudos sobre a *Fides et Ratio*). Esta nova versão situa-se, portanto, na mesma linha ou opção fundamental do primeiro projecto, alargando e actualizando o material e os horizontes.

Isso não impede que as opções fundamentais do autor, quanto ao conteúdo teológico do tratado, nos surjam cada vez mais evidentes. Delas, destacaria as seguintes (na impossibilidade de abordar todo o imenso material proposto):

1. Uma das questões mais complexas relacionadas com a temática da revelação é, sem dúvida, a da relação entre universal e concreto. Do ponto de vista da teologia cristã, tudo se joga na possibilidade de conjugar a afirmação da universalidade e carácter absoluto (último) da revelação de Deus em Jesus Cristo com a incontornável particularidade desse acontecimento – e a consequente particularidade das suas mediações, como seja o caso da própria Igreja. Tradicionalmente, essa conjugação articula-se na categoria do *universale concretum*, que o autor desenvolve, em contexto contemporâneo (por ex., relativamente à questão do pluralismo religioso), no cap. II, alínea B, mesmo se de forma muito breve.

2. No âmbito da fé, enquanto acolhimento da revelação, adquire especial significado a questão da credibilidade, que o autor relaciona estreitamente com um processo de argumentação. Nessa linha, o conceito de Teologia Fundamental é mesmo particularmente concentrado neste campo, sendo esta área da teologia assumida em fisionomia «fundacional-hermenéutica e dialógico-contextual» e definida como «disciplina que se coloca como problema primário a questão da *significativade-credibilidade-razoabilidade da proposta cristã no seu conjunto*» (79). A dimensão hermenéutica é mais interior ao contexto crente e aborda os seus fundamentos reais; a dimensão dialógica é herdeira da tradicional apologética e entra em relação com o contexto também exterior à fé. Af, assume importância fulcral a argumentação em favor da fé, que pretende evidenciar a sua razoabilidade, a partir da sua pertinência. Trata-se, pois, de uma proposta de «apologética» no contexto de

uma teoria da verdade marcada pelo processo argumentativo, ou seja, pelos elementos da coerência (mais típicos da Dogmática) e do consenso, para além do da pertinência experiencial. Levanta-se a questão, contudo, de se é possível quase identificar a questão da verdade com a questão da razoabilidade, da pertinência e da significatividade – mesmo que esses aspectos sejam fulcrais na discussão da pretensão de verdade de qualquer afirmação. Por outro lado, como o autor chega a questionar, onde radicam os critérios dessa mesma significatividade: será o mundo que é feito significativo pela fé, ou a fé que é feita significativa pelo mundo? Poder-se-á questionar a fé como «universo de sentido» previa e exteriormente determinado (mas que sentido?), ou antes como o próprio «sentido do universo»? Convém nunca perder de vista que a questão do sentido – não sendo de todo idêntica com a questão da verdade – se prende com um processo hermenêutico, cujos elementos constituintes estão marcados pela complexidade das pertenças, o que não permite uma abordagem imediata da questão da verdade.

3. Um outro elemento, intimamente ligado aos anteriores e como sua consequência directa, é o que se refere ao papel do testemunho para o trabalho da Teologia Fundamental e, por isso mesmo, de reflexão sobre a credibilidade do conteúdo da fé cristã. A categoria do testemunho é assumida, aqui, quer na sua dimensão «metafísica» quer como sinal eclesial de credibilidade. Esta dimensão da Teologia Fundamental é especialmente desenvolvida nos capítulos I-C. e IV, o que revela a pertença do autor ao que ele próprio denomina a «escola da Universidade Gregoriana de Roma» (49).

Piè Ninot conjuga, de forma equilibrada e vastíssima, o equadramento das questões na tradição teológica (com vastas referências às formulações patrísticas e medievais), na doutrina magisterial (com análise cuidada de muitos textos) e na teologia sistemática contemporânea (com uma espécie de relatório quase exaustivo sobre o «estado das questões» na actualidade). Assim se justifica o volume do seu tratado, que nenhum teólogo interessado em Teologia Fundamental pode ignorar.

JOÃO DUQUE

ALEMANY, José Joaquín, El diálogo interreligioso en el magisterio de la Iglesia, Biblioteca Teología Comillas, vol. 3, Universidad Pontificia de Comillas, Madrid 2001, pp. 310, ISBN 84-330-1573-7.

Por razões várias, internas e externas à teologia, a complexa problemática do diálogo inter-religioso tem estado na ordem do dia dos debates teológicos e eclesiais. Mas não se trata apenas de uma questão do momento. As suas raízes são profundas e o próprio Magistério da Igreja tem vindo, de há várias décadas para cá, a publicar documentos orientadores e impulsionadores, neste âmbito ainda pouco percorrido, em teoria e prática. Faltava uma recolha e um estudo de conjunto dessa orientação magisterial, nas suas diversas fases e nas significativas transformações que já manifestou. A esta importante tarefa se dedica o presente volume, última publicação em vida do inesperadamente falecido teólogo jesuíta de Madrid (Comillas).

Num primeiro capítulo (24-44), o autor aborda os fundamentos gerais do diálogo entre as religiões, de que se destaca a condição dialogal do ser humano como base de toda a relação ao outro diferente, especialmente importante na actual situação social de pluriculturalidade. O capítulo, que constitui uma excelente e clarividente síntese da problemática, termina com uma criteriosa selecção bibliográfica sobre o tema.

Lançados esses pressupostos, o autor inicia a análise dos documentos magisteriais, começando evidentemente pelo próprio Vaticano II. Após uma contextualização mais geral da abordagem dialógica inerente a todo o concílio, é feita uma leitura atenta das respectivas afirmações centrais a respeito do diálogo inter-religioso.

Um terceiro capítulo analisa os textos em que se manifesta o importante impulso dado por Paulo VI, no sentido de iniciar a aplicação prática dos textos conciliares. O estudo concentra-se na *Ecclesiam suam* e na *Evangelii nuntiandi*, como seria de esperar. Mas o autor analisa também outros textos menos conhecidos.